

SAÍDA DE ADMINISTRADOR

Saterés invadem sede da administração da Funai

Fred Góes - 18/out/96

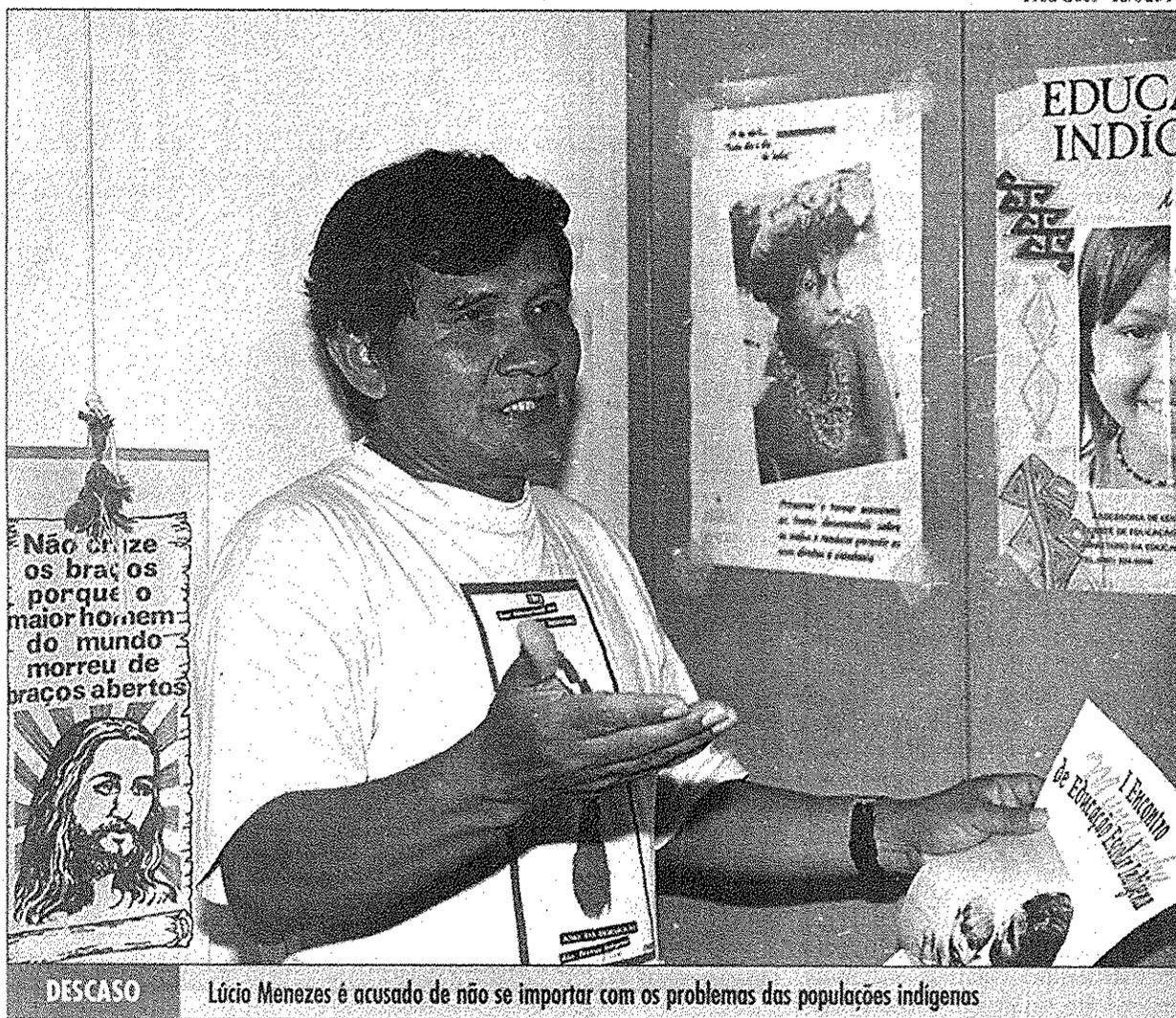
OS ÍNDIOS QUEREM QUE LÚCIO MENEZES PERMANEÇA DIRIGINDO A FUNAI NO MUNICÍPIO E PROTESTAM CONTRA A PROVÁVEL NOMEAÇÃO DE VÍTOR SANTANA PARA O CARGO

PETA CID
 CORRESPONDENTE

PARINTINS, AM – A administração regional da Fundação Nacional do Índio (Funai) em Parintins (a 325 quilômetros de Manaus) está desde ontem sob o controle dos índios João Sateré, 45, e Aldamir Sateré, 26, que não aceitam a saída do administrador, o índio Lúcio Ferreira Menezes, 48, que teria sido exonerado do cargo pela presidência do órgão em Brasília.

Nenhuma comunicação oficial da Funai chegou a Parintins, mas os índios foram informados, extra-oficialmente, e decidiram tomar o controle do órgão. Um documento ameaçando partir para o derramamento de sangue foi enviado pelos índios à Brasília, repudiando o ato da presidência, que teria nomeado José Vítor Santana para o cargo. Eles disseram que outros índios chegam a Parintins no fim de semana para apoiar o movimento e impedir que outro administrador assuma a Funai.

As denúncias contra Lúcio Menezes foram feitas por membros do Conselho Geral da Tribo Sateré-Maué, liderados por Obadias Batista Garcia, 38, que acusaram o administrador de desca-



lações indígenas, submetidas ao abandono.

“Estamos em pé de guerra, não aceitamos pressão política” disse o índio João Sateré, acusando o grupo de Obadias de manipular índios e de estar envolvido com políticos como o deputado federal Pauderney Avelino e o vereador de Barreirinha, o índio Mesias Batista.

Para João, a indicação do novo administrador foi um ato infeliz

do presidente da Funai, Márcio Lacerda, e uma agressão contra os índios, que com muita luta conseguiram colocar na administração um representante de sua própria etnia. Ele disse que José Vítor já administrou a Funai na década de 80 e foi expulso pelos índios porque introduziu “maconha” na reserva Sateré-Maué. João apresentou cópia de uma carta enviada à Funai pelo capitão-geral da tri-

bo, Raimundo Ferreira da Silva, em 5 de julho de 1984, denunciando o plantio da droga e o envolvimento de Vítor, do funcionário Roberto Ferreira Trindade e do índio Antônio Ferreira Trindade. Os índios explicaram que a maconha é utilizada como remédio por algumas reservas indígenas, mas não é cultivada pelos sateré-maué. “Nós não aceitamos esse tipo de droga”, afirmou.

Indicação de Vítor revolta indígenas

A exoneração ainda não-oficializada de Lúcio Menezes foi considerada precipitada pelo líder estudantil dos índios, Aldamir Sateré. Ele considera o fato como resultado de divergências de pessoas que manipulam “meia dúzia de índios para se promover politicamente”.

Para ele, o que está acontecendo é um fato lamentável, motivo de revolta por parte dos estudantes

indígenas e da população sateré-maué. O índio afirma que tomou a frente da causa para protestar contra a decisão, que na sua opinião envergonha mais uma vez os rumos da política do presidente da Funai, às vésperas dos 500 anos do Brasil, quando índio também clamava por liberdade.

No documento enviado a Brasília, que tem a assinatura de Alda-

mir, o alerta é para possíveis confrontos entre os índios. “Queremos a permanência do Lúcio. Caso contrário, responsabilizaremos o senhor presidente pela desgraça que acontecer aqui. A pressão dos índios é grande. Isso para nós é uma bomba. Queremos um basta e a sua decisão de indicar o Vítor é acender o fogo e partir para o derrame de sangue. Ele passou por nossa área e

deixou essa mancha que comprometeu a própria Funai dentro da nossa área. Além disso, é uma indicação de inimigos dos sateré que manipulam índios para esse tipo de baixaria”, diz o documento.

A reportagem de A CRÍTICA tentou entrar em contato com José Vítor Santana pelo telefone 236-XX60, mas não conseguiu localizá-lo.